



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAÍSSA ALVES ROSÁRIO

**LITERATURA E AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS: DAS EXPERIÊNCIAS NA
INFÂNCIA À UNIVERSIDADE**

PORTO ALEGRE
2023

RAÍSSA ALVES ROSÁRIO

**LITERATURA E AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS: DAS EXPERIÊNCIAS NA
INFÂNCIA À UNIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a Marília Forgearini Nunes

PORTO ALEGRE
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Rosário, Raíssa Alves

LITERATURA E AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS: DAS
EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA À UNIVERSIDADE / Raíssa Alves
Rosário. -- 2023.

62 f.

Orientadora: Marília Forgearini Nunes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. literatura infantil negra. 2. representatividade
negra. 3. autoestima negra. 4. educação antirracista.
I. Nunes, Marília Forgearini, orient. II. Título.

RAÍSSA ALVES ROSÁRIO

**LITERATURA E AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS: DAS EXPERIÊNCIAS NA
INFÂNCIA À UNIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Aprovado em

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes – Orientadora

Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz

Profa. Me. Vitória Sant'anna Silva

Este trabalho é dedicado aos milhares de reis e rainhas pretinhas espalhadas pelo mundo que estão destinados a grandezas.

Dedicado a mulheres negras.

Dedicado a professoras e professores negros que lutam diariamente por uma educação antirracista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, minha pessoa, minha maior inspiração, isso tudo é por ela.

Minhas avós, Almerinda e Nadir, por terem ajudado minha mãe na minha criação, e isso tudo é tudo graças a elas.

Minha melhor amiga Thais Santos Pereira, por sempre estar ao meu lado, acreditar em mim e por dividir um projeto de vida.

Minhas amigas Maria Clara e Andressa Sales, por me inspirarem todo dia.

Minhas irmãs de alma Stephanie Viegas e Ana Guillen que permaneceram comigo após o Ensino Médio.

Meus amigos-colegas de trabalho no Colégio João XXIII, por me acolherem desde o primeiro momento que entrei na escola.

Aos professores da Escola Pepita de Leão por acreditarem no meu trabalho e me permitirem contar a história da Sulwe. Foi depois dessa contação que eu tive certeza sobre o que seria minha pesquisa.

Meu amigo Rafael Ribas, por todo o apoio e conforto nesses últimos anos incríveis.

Minha orientadora Marília Forgearini Nunes pela parceria na escrita deste trabalho tão importante e por acreditar nele quando eu mesma não conseguia acreditar, e por me dar confiança ao olhar nos meus olhos e dizer “Raíssa teu trabalho está muito potente”.

E por fim, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial à Faculdade de Educação por fazer parte dela.

Obrigada!

Garota de pele negra¹

Brown skin girl

Sua pele é como pérolas

Your skin just like pearls

A melhor coisa do mundo

The best thing in the world

Nunca troquei você por ninguém

Never trade you for anybody else

Cantando, garota de pele negra

Singin': Brown skin girl

Sua pele é como pérolas

Your skin just like pearls

A melhor coisa do mundo

The best thing in the world

Eu nunca troquei você por ninguém, cantando

I never trade you for anybody else, singin'

Posa como um troféu quando a Naomi chega

Pose like a trophy when Naomis walk in

Ela precisa de um Óscar por aquela pele negra

She need an Oscar for that pretty dark skin

Bonita como a Lupita, quando a câmera se aproxima

Pretty like Lupita when the cameras close in

A represa arreventou quando minhas Kellys chegaram

Drip broke the levee when my Kellys roll in

Acho que esta noite, ela poderia fazer suas tranças

I think tonight she might braid her braids

A melanina é muito escura para ofuscá-la

Melanin too dark to throw her shade

Ela fica na dela e mexe o quadril

She minds her business and winds her waist

Ouro de 24 quilates, certo

Gold like 24k, okay?

Esta noite, talvez possa me apaixonar

Tonight I might fall in love, dependin' on how

Depende de como você me abraçar

You hold me

Estou feliz que estou me acalmando

I'm glad that I'm calmin' down, can't let no

Não posso deixar ninguém vir e me controlar

One come control me

Continue dançando e chame o amor

Keep dancin' and call it love, she fightin', but

Ela luta, mas se apaixona aos poucos

Fallin' slowly

Se algum dia ficar em dúvida, lembre o que a mamãe me disse

If ever you are in doubt, remember what mama told me

¹ Traduzida por Madelene. Legendado por Emily, Núbia e Madelene.

Tradução disponível em: <https://www.letras.mus.br/beyonce/brown-skin-girl-feat-blue-ivy-carter-wizkid-e-saint-jhn/traducao.html>

**Oh, tem se olhado no espelho ultimamente?
(Ultimamente)**

Oh, have you looked in the mirror lately? (Lately)

**Gostaria que você pudesse trocar de olhos
comigo (Porque)**

Wish you could trade eyes with me (because)

Há complexidades na aparência

There's complexities in complexion

Mas sua pele, brilha como diamante

But your skin, it glow like diamonds

Cave-me como a terra, você terá um filho

Dig me like the earth, you be giving birth

**Pegue tudo na vida, amor, conheça o seu
valor**

Took everything in life, baby, know your worth

Eu amo tudo em você, dos seus cachos

I love everything about you, from your nappy
curls

A cada curva, do seu corpo natural

To every single curve, your body natural

**A mesma pele que foi despedaçada, será a
pele que dominará**

Same skin that was broken be the same skin
takin' over

A vista da maioria das coisas fora de foco

Most things out of focus, view

**Mas quando você está no pedaço, eles te
notam (Te notam)**

But when you're in the room, they notice you
(notice you)

Porque você é linda

'Cause you're beautiful

Sim, você é linda

Yeah, you're beautiful

**Esses homens, vão se apaixonar por você e
toda a sua glória**

Them men, them gon' fall in love with you and all
of your glory

Sua pele não é apenas escura

Your skin is not only dark, it shines and it

Ela brilha e conta sua história

Tells your story

**Continue dançando, eles não podem te
controlar**

Keep dancin', they can't control you, they

Eles assistem, todos eles te adoram

Watchin', they all adore you

Se alguma vez você estiver em dúvida

If ever you are in doubt,

Lembre-se do que mamãe te contou [...]

Remember what mama told me [...]

**BEYONCE - BROWN SKIN GIRL (feat. Blue
Ivy Carter, Wizkid & SAINT JHN)²**



² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6nBgdqcuZfE>

RESUMO

Este estudo busca investigar de que forma as escolhas de leituras literárias influenciam na autoestima de crianças negras. Sendo demonstrado a importância da literatura, da inserção em um coletivo e a presença de mulheres negras na promoção desse processo, além da compreensão da importância da inclusão dessas obras na abordagem das questões raciais no contexto escolar. A fim de alcançar esse objetivo, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa que combina a utilização de autobiografia e análise de documentos. Durante a pesquisa, é apresentada uma contextualização sobre os motivos que levaram à escolha do tema, incluindo a narrativa pessoal da pesquisadora sobre suas experiências na infância como uma criança negra com pouco contato com a literatura e com pouca representatividade negra na mídia. Além disso, é relatado o processo de ingresso da autora na UFRGS e como a descoberta da literatura negra foi fundamental para o seu reconhecimento como uma mulher negra. Também é abordado o site "Leia Para Uma Criança Negra", desenvolvido pela autora em conjunto com uma amiga, com o objetivo de contribuir para a educação antirracista por meio da divulgação de livros escritos exclusivamente por autores negros e apresentando personagens negros como protagonistas. Por fim, é realizada uma análise do livro "Sulwe" com o intuito de motivar crianças a consumirem autores negros e promover o reconhecimento e valorização da diversidade racial por meio das histórias dos livros. A partir das informações obtidas conclui-se que a escola é fundamental para a construção da identidade e da sociedade das crianças negras, sendo a literatura infantil uma ferramenta importante para promover a autoestima, resgatar a história, promover o pertencimento e combater o racismo. Para que isso ocorra, é necessário a inserção de estudos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira no ambiente escolar, como previsto na lei, bem como outras iniciativas que visem à promoção da igualdade racial.

Palavras-chaves: literatura infantil negra; representatividade negra; autoestima negra; educação antirracista.

ABSTRACT

This study aims to investigate how choices of literary readings influence the self-esteem of black children. It demonstrates the importance of literature, inclusion in a collective, and the presence of black women in promoting this process, as well as the understanding of the importance of including these works in addressing racial issues in the school context. In order to achieve this objective, a qualitative methodological approach was adopted, combining the use of autobiography and document analysis. The research provides a contextualization of the reasons that led to the choice of the topic, including the researcher's personal narrative of her experiences in childhood as a black child with little exposure to literature and limited representation of black people in the media. Additionally, the author's process of entering UFRGS (Federal University of Rio Grande do Sul) and how the discovery of black literature was crucial to her recognition as a black woman is recounted. The author's website "Leia Para Uma Criança Negra" (Read to a Black Child) is also discussed, which was developed in partnership with a friend, with the aim of contributing to anti-racist education by promoting books written exclusively by black authors and featuring black characters as protagonists. Finally, an analysis of the book "Sulwe" is conducted to motivate children to consume literature by black authors and promote recognition and appreciation of racial diversity through the stories in books. Based on the information obtained, it is concluded that school plays a fundamental role in the construction of identity and society for black children, with children's literature being an important tool to promote self-esteem, reclaim history, foster a sense of belonging, and combat racism. In order for this to happen, the inclusion of studies on Brazilian Afro-Brazilian History and Culture in the school environment, as mandated by law, is necessary, as well as other initiatives that aim to promote racial equality.

Keywords: black children's literature; black representation; black self-esteem; anti-racist education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atores principais da série de TV <i>Malhação: Múltipla Escolha</i> (2004 - 2005)	23
Figura 2 - Atores principais da série de TV <i>Malhação: Identidade</i> (2009-2010)	23
Figura 3 - Atores principais da série de tv <i>Malhação: Intensa como a vida</i> (2012-2013)	23
Figura 4 - Atores principais da série de TV <i>Malhação: Pro dia nascer feliz</i> (2016-2017)	24
Figura 5 - Livros infantis <i>Clássico de Ouro</i> Brasileitura	24
Figura 6 - Capa do livro <i>Amora</i> (EMICIDA, 2018)	25
Figura 7 - Capa do livro <i>Meu crespo é de rainha</i> (HOOK, 2018)	25
Figura 8- Logo do Coletivo <i>Afronte</i>	26
Figura 9 - Cartaz promocional do filme <i>Cinderella</i> de 1997	28
Figura 10 - Elenco <i>Sítio do Picapau Amarelo</i> , 5ª temporada (2005)	30
Figura 11 - Site “Construindo uma educação antirracista”	39
Figura 12 - Site “Construindo uma educação antirracista”	41
Figura 13 - Site “Construindo uma educação antirracista”	42
Figura 14 – Lupita Nyong’o	43
Figura 15 - Capa do livro <i>Sulwe</i>	44
Figura 16 - <i>Sulwe</i> junto com sua família	44
Figura 17 – Na escola	44
Figura 18 - <i>Sulwe</i> tentando apagar sua pele com uma borracha.	45
Figura 19 - <i>Sulwe</i> usando a maquiagem da sua mãe.	45
Figura 20 - <i>Sulwe</i> se alimentando somente de comidas claras.	45
Figura 21- Mãe de <i>Sulwe</i> dizendo que ela era linda	46
Figura 22- <i>Sulwe</i> viajando com a estrela	46
Figura 23- <i>Sulwe</i> conversando com a sua irmã Noite	47
Figura 24 - Capa do livro <i>Manual de Penteados para Crianças Negras</i> (MENDES, SANTOS, 2022)	49
Figura 25 - Capa do livro <i>Manual de Penteados para Crianças Negras</i> (MENDES, SANTOS, 2022)	49
Figura 26 - Estante de livros do clube do livro	49
Figura 27 - Mural com as respostas das crianças	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O que cada criança gostava mais em si	51
Quadro 2 - Algumas escritas das crianças para a Sulwe	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACED	Faculdade de Educação
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TV	Televisão
UFRGS	Universidade do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	CONTEXTUALIZANDO	19
3	METODOLOGIA	26
3.1	A ESCOLA	29
3.2	A UNIVERSIDADE	32
3.3	QUANDO ME DESCOBRI NEGRA	35
3.4	O PAPEL DA LITERATURA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	37
4	LEIA PARA UMA CRIANÇA NEGRA: PRODUTO DE UMA PEDAGOGA NEGRA PARA PROMOVER A AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS	40
4.1	ANÁLISE DO LIVRO <i>SULWE</i> (NYONG'O, 2019).	43
4.2	MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA: LEITURA DE <i>SULWE</i>	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Tive dúvidas se escrever um relato pessoal seria uma boa forma de fazer meu Trabalho de Curso, se seria interessante para a Banca e para quem irá acessar e ler quando este trabalho estiver acessível no LUME UFRGS. Mesmo diante dessa dúvida, aceitei o desafio, pois, acredito que eu tenho muito a contar, acredito que pessoas negras, principalmente mulheres negras, precisam contar suas histórias. A minha narrativa pessoal justifica esse trabalho e faz com que ele assuma uma perspectiva metodológica inspirada na autoetnografia conforme explicitaremos no capítulo 2 deste trabalho.

A pesquisa intitulada **Literatura e Autoestima de Crianças Negras: Nas Experiências da Infância à Universidade** tem por objetivo geral ampliar a compreensão a respeito da relação entre o acesso à literatura infantil de temática negra e o desenvolvimento da autoestima da criança negra.

Esta monografia apresentará em primeira pessoa a minha narrativa pessoal desde infância, sem representação e sem influência da literatura negra, contextos familiares, escolar constituídos na ausência da Lei de nº 10639 de 2003 até chegar à universidade como estudante cotista, o que traz para o centro deste trabalho a importância da Lei de nº 12.711 de 2012, a chamada “Lei de Cotas”. Esse percurso evidencia meu processo de reconhecimento a minha negritude a partir do convívio com coletivos, de leituras e da ação como mediadora de leitura no processo de constituição docente.

Nesse processo, a literatura infantil torna-se recurso importante pois oferece aos seus leitores personagens que são importantes para constituição do imaginário da criança negra. Há que se pensar que raramente esses personagens são negros, o que faz com que crianças negras não se sintam protagonistas de uma história. Livros literários que tenham no seu enredo personagens que valorizem a constituição da autoimagem e a diversidade étnico racial, possuem impactos importantes para o processo de aceitação desse sujeito. Diante de tais afirmações este trabalho toma como ponto de partida a seguinte questão: **De que modo as escolhas de leituras literárias a serem mediadas podem auxiliar crianças negras a desenvolverem sua autoestima?** Duas situações como mediadora de leitura por meio de um site e de uma experiência de leitura mediada de um livro com protagonista negra

respondem ao problema. No entanto, até chegar à resposta o percurso envolvendo experiências desde a minha infância até as vivências na universidade precisam se fazer presentes, compondo um mosaico de fatos essenciais tanto para que a pergunta fosse enunciada quanto para que a resposta fosse construída.

A Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que incluiu no currículo a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” tem motivado algumas ações afirmativas dentro do espaço escolar, mas é notável que professores ainda demonstram dificuldade em trazer esse assunto para os alunos, especificamente professores não negros, e isso acontece muitas vezes por não se acharem no lugar de trazerem questões raciais para sala por não serem pessoas negras. Importante destacar que pessoas negras pertencem a um grupo que em sua história foram discriminados. É dever de pessoas brancas que se localizam em um grupo de poder e que se beneficiam desse sistema de opressão, capitalista estruturado no colonialismo/racismo, também criarem estratégias de enfrentamento a questões raciais, isso significa que ambos os grupos devem discutir essas questões, mesmo que falando de lugares diferentes. (RIBEIRO, 2017).

Nesse contexto é indispensável que a coordenação pedagógica das escolas realize cursos, mediações ou se utilize de outras ferramentas para debater tal assunto, fomentando o espaço para que professores não negros se insiram em questões raciais. Esse movimento é importante para que a pauta negra não seja apenas de um grupo, pois ao analisarmos historicamente, pessoas brancas são responsáveis pela criação e manutenção do racismo então é fundamental o papel delas para tratar esse assunto.

Assim, esta pesquisa se desenvolve e busca responder ao questionamento delimitado a partir da experiência da autora como estagiária de escola pública na periferia de Porto Alegre, em específico seu trabalho como mediadora de leitura na biblioteca escolar. A elaboração deste trabalho foi motivada pela necessidade de abordar a importância da literatura negra para que se percebesse que a literatura negra faz sim diferença na autoestima de crianças negras. Exemplificando a experiência, o trabalho apresenta a análise do livro *Sulwe* da autora Lupita Nyong’o (2019), que foi utilizado para a realização da

contação de história, trazendo como resultados algumas das escritas das crianças que foram mediadas por essa leitura.

Para que esse objetivo seja atingido assume-se uma metodologia de base qualitativa que mescla autobiografia e análise de documentos. A narrativa de fatos pessoais sobre a constituição da minha estima pessoal como jovem adulta negra relaciona-se a uma experiência de mediação de leitura do livro *Sulwe* (NYONG'O, 2019) analisando o livro, compreendendo essa narrativa que tem uma protagonista negra e também as escritas de crianças que viveram essa leitura mediada por mim. Este percurso autobiográfico e de análise documento de escritas das crianças após a experiência de leitura mediada da narrativa de Lupita Nyong'o estão baseadas em nas já referidas leis, 10.639/2003 e 12.711/2012, que afetam diretamente o respeito à cultura e, conseqüentemente à autoestima e a garantia ao acesso à educação.

A importância da literatura negra para a autoestima da criança negra é um tema pouco explorado dentro das salas de aula. Dessa forma, muitas crianças têm seu desenvolvimento prejudicado, uma vez que a construção da autoestima é um dos fatores importantes para o desenvolvimento infantil (SILVA *et al*, 2020). Em uma sociedade marcada pelo racismo como a nossa, o peso da falta de representatividade reverbera por toda a vida da pessoa negra. Este estudo pretende contribuir para que o tema seja evidenciado no campo da educação, estimulando a atuação de coordenações pedagógicas e educadores no trabalho com a literatura negra em sala de aula, promovendo a representatividade e o desenvolvimento da autoestima de crianças que, muitas vezes, não têm essa representação.

2 CONTEXTUALIZANDO

Quando eu tinha 10 anos de idade um dos meus desejos era ser branca. Na escola meus colegas diziam que eu era considerada a mais feia da turma, que meu cabelo era feio. Então, em casa, eu colocava uma toalha na minha cabeça e fingia que eu tinha um cabelo liso e comprido igual ao das minhas colegas que a turma considerava bonitas. Eu achava que os motivos para eu ser considerada a mais feia eram meu cabelo e minha cor de pele. Eu não estava errada, eu só não sabia, na época, que isso não era um julgamento casual, isso tinha nome: racismo.

Para mim, ser uma criança negra sem nenhuma representação foi muito difícil. Fico me perguntando, como eu poderia me achar bonita, se na televisão tudo o que mostravam de padrão de beleza eram mulheres brancas de cabelo liso. O seriado de televisão que eu assistia todos os dias se chamava *Malhação*³. Todo ano a personagem principal de cada temporada era uma mulher branca em que o par romântico era branco como consta na figura 1, figura 2 e figura 3. Somente em 2016, quando eu estava com 20 anos, era anunciado a primeira protagonista negra de *malhação*, uma atriz negra (figura, 4), e a personagem seria uma faxineira. Nos livros (figura 5) que minhas professoras indicavam para leitura, havia somente personagens nada parecidas comigo, apenas com meus colegas brancos. Como eu poderia me achar bonita se ninguém além da minha mãe enxergava a minha beleza? Hoje eu sei que o que mais importa é a minha beleza interna e o que eu carrego dentro de mim, mas para a minha autoestima isso não tinha importância.

³ "Malhação" foi uma série de televisão exibida na TV Globo lançada em 1995 com total de 27 temporadas.

Figura 1 - Atores principais da série de TV *Malhação: Múltipla Escolha* (2004 - 2005)



Fonte: Acervo pessoal

Figura 2 - Atores principais da série de TV *Malhação: Identidade* (2009-2010)



Fonte: Acervo pessoal

Figura 3 - Atores principais da série de tv *Malhação: Intensa como a vida* (2012-2013)



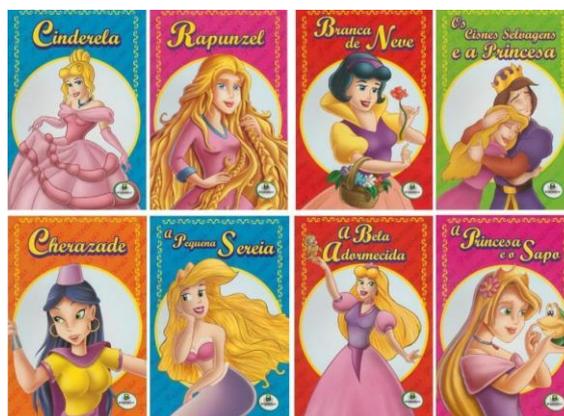
Fonte: Acervo pessoal

Figura 4 - Atores principais da série de TV Malhação: Pro dia nascer feliz (2016-2017)



Fonte: Acervo pessoal

Figura 5 - Livros infantis Clássico de Ouro Brasileitura



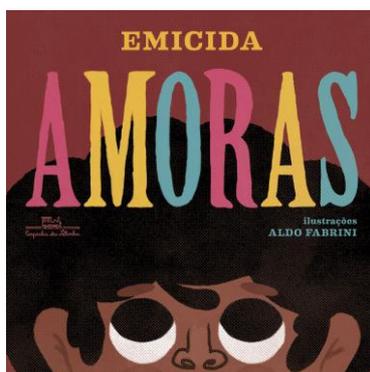
Fonte: Acervo pessoal.

A minha maior alegria na adolescência foi quando minha mãe me deixou alisar meu cabelo, lembro-me de ficar frente ao espelho e pela primeira vez me sentir bonita, mas ainda estava faltando algo: minha pele ser menos escura. Quando eu lembro desses pensamentos e desejos que eu tinha na infância e na adolescência, penso que poderia ter sido diferente se ao menos eu tivesse uma rede de apoio começando pela escola. No entanto, para mim, uma pessoa negra, a escola não foi um lugar de boas recordações.

Até 2017, quando eu postava fotos no meu *Instagram*, eu colocava filtros para me deixar com a pele menos negra possível. Eu não gostava de ser negra, o processo de me reconhecer como negra só mudou quando eu ingressei na

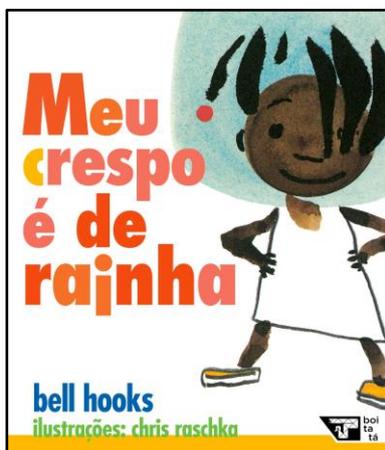
universidade em 2018 e comecei a ler mulheres negras como: bell hooks⁴, Angela Davis⁵ e Lélia Gonzalez⁶. Foi com essas mulheres negras que eu encontrei uma rede de apoio que eu precisava lá no meu período na escola. Eu sempre penso em como seria meu processo de aceitação, se na minha infância eu tivesse lido livros, como *Amora* (EMICIDA, 2018) (Figura 6) ou *Meu crespo é de rainha* (HOOKS, 2018) (Figura 7), tenho certeza de que se isso tivesse acontecido meus relatos até aqui seriam diferentes.

Figura 6 - Capa do livro *Amora* (EMICIDA, 2018)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 - Capa do livro *Meu crespo é de rainha* (hook, 2018)



Fonte: Arquivo pessoal.

⁴ bell hooks foi professora, autora, artista e ativista antirracista. Bell Hooks já publicou mais de trinta mil livros, suas obras abordam capitalismo, gênero e interseccionalidade de raça e foi influenciada pela pedagogia crítica de Paulo Freire.

⁵ Angela Davis é uma revolucionária marxista, feminista negra interseccional, filósofa, escritora e professora universitária. Davis dedicou sua luta contra a exploração e a opressão, foi perseguida, presa e perseguida por conta de suas ideias.

⁶Lélia Gonzalez foi professora, antropóloga e militante do movimento negro, uma das maiores referências na luta e intelectual pioneira no debate sobre gênero, classe e raça no Brasil.

Ingressar na universidade, e principalmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em específico na Faculdade de Educação (FACED), foi importante para meu reconhecimento, pois foi a universidade que me estimulou a ler. Nunca fui uma criança e adolescente interessada em ler, na minha família não tive estímulo para leitura e nunca recebi livros de presente. Venho de uma família na qual eu sou a única neta a ingressar em uma universidade e sei da importância de estar ocupando esse espaço que foi tão difícil para eu estar. Por ser tão difícil, e por saber que teve muita luta para eu estar aqui, é que eu decidi que não queria apenas estar na UFRGS, mas que eu deveria continuar a luta para que outras pessoas negras também pudessem estar na universidade pública. Pensando nisso, eu comecei a militar no movimento estudantil pelo Coletivo Afronte.

O Afronte (Figura 8) é um coletivo nacional de jovens anticapitalistas, antirracistas e antifascistas e o principal projeto é apoiado na luta dos negros e negras pelo fim do racismo estrutural. Fazendo parte desse coletivo eu também encontrei uma rede de afeto, conheci jovens negros de outros cursos da universidade, foi militando que eu pude crescer como mulher negra e ter certeza do caminho que eu trilharia na academia. Fazer parte de movimentos sociais é sair da bolha acadêmica da universidade e poder levar experiências que possam ajudar outras pessoas

Figura 8- Logo do Coletivo Afronte



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando me perguntam o porquê de eu querer ser professora, uma das minhas respostas é: “quero ser para os meus alunos a professora negra que eu

não tive”. Quero ser a professora que leve referências negras para dentro de sala e a que levante a autoestima dos estudantes, principalmente das alunas negras, pois isso faz muita diferença. Quando eu elogio minhas alunas negras, elas ficam todas bobas e adoram; abrem um sorriso. Como é bom levar um livro no qual a personagem da história é negra, elas sentem falta disso.

Eu tive a oportunidade como estagiária de realizar por duas semanas um momento de mediação de leitura de história na biblioteca da Escola Municipal Pepita de Leão, da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O livro escolhido para fazer a leitura mediada foi o *Sulwe* (2019) (Figura 4) da atriz e autora Lupita Nyong’o. O livro conta a história de uma menina que não gosta da sua cor e faz de tudo para ficar com a pele mais clara. Após a leitura os alunos vieram até mim perguntando quando aconteceria o próximo encontro e qual seria a próxima história, pedindo abraço e dizendo que eu era muito bonita. Notei que eles sentiam falta de ter uma referência negra, afinal, a maioria das professoras são brancas.

Em novembro comemoramos o mês da consciência negra, marcado pela data do assassinato de Zumbi dos Palmares, dia Nacional idealizado pelo Grupo Palmeiras, liderado pelo poeta Oliveira Silveira⁷. O mês de novembro começou a fazer sentido para mim em 2019, quando o coletivo em que eu fazia parte, o Afronte, começou a promover os debates e reflexões sobre os temas do racismo, antirracismo, empoderamento negro e representatividade na educação. Foi com esse projeto que eu vi que a representação da literatura pode fazer diferença na autoestima de crianças negras e que eu tive certeza de que era sobre isso que seria meu tema para o TCC.

Construir um projeto de educação antirracista é o mundo que eu quero. Ver crianças negras amando sua cor e seu cabelo é importante, é um mundo que eu quero. Crianças não devem somente aprender sobre escravidão na escola, crianças devem saber a luta e as conquistas do povo preto, porque ser negro não é ruim, a palavra negro não é feia e as crianças precisam saber disso. Esse é o mundo que eu quero para meus alunos.

⁷ Oliveira Silveira foi um poeta, intelectual e militante negro de Porto Alegre, integrou o Grupo Palmares no período de 1971 a 1978 e foi um dos líderes pelo reconhecimento do Dia da Consciência Negra em 20 de novembro, data de assassinato do líder do Quilombo dos Palmares. Em 2021 após uma luta do movimento negro, foi homenageado pela Universidade Federal do Pampa e Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o título de Doutor Honoris Causa.

Em sua dissertação "Descolonizando práticas pedagógicas: a narrativa de uma educadora na luta pela educação antirracista" (2021) a pesquisadora Luciana Dornelles Ramos apresenta a necessidade de se descolonizar as práticas pedagógicas nas escolas brasileiras pensando em práticas de construir uma educação antirracista. Fazer uma escrita compartilhando suas experiências pedagógicas foi o meio que a autora encontrou de inspirar outras pessoas a pensar em uma educação antirracista e decolonial no ambiente escolar.

As práticas na educação antirracista dentro do ambiente escolar são necessárias para combater o racismo e suas formas de opressão que insistem em existir no sistema educacional. Esse processo precisa ser constante e envolver a participação na comunidade escolar e de políticas públicas. Para (RIBEIRO, 2019) "O racismo estrutural é um problema social e só pode ser superado com políticas públicas efetivas e uma educação antirracista". Assim, este trabalho foi pensado dessa forma: como mais um modo de promover uma educação antirracista.

3 METODOLOGIA

Este trabalho define-se como um trabalho de pesquisa qualitativa. Essa afirmação estabelece algumas características para o modo com que essa investigação se apresenta e se organiza. Por óbvio, esta pesquisa não assume uma posição de neutralidade da pesquisadora, uma característica em consonância com a abordagem qualitativa do estudo.

A abordagem qualitativa compreende que a neutralidade/distanciamento do pesquisador do objeto de estudo não é possível, visto que o pesquisador está imerso em uma rede de marcadores sociais, assim, sua educação, sua história e seus preconceitos influenciam diretamente a pesquisa (MARTINS, 2004).

Em uma abordagem qualitativa, ou naturalística as experiências do pesquisador são elementos valiosos para o processo de pesquisa (LUDKË; ANDRÉ, 2013), recurso utilizado na metodologia específica que situa este trabalho entre a etnografia e autoetnografia.

Podemos dizer que assumimos inspiração auto etnográfica, pois utilizamos a escrita em primeira pessoa relatando fatos pessoais. Conforme Gama, Raimondi e Barros (2021, p. 4) explicam: "Uma autoetnografia é uma forma de pesquisa qualitativa que parte da análise crítica de experiências pessoais para refletir sobre práticas sociais mais amplas."

Gama, ao citar críticas comumente feitas à metodologia de autobiografia na pesquisa qualitativa, nos diz que, na verdade, as autonarrativas, escritas de si ou relatos em primeira pessoa, são feitas há muito tempo (GAMA, RAIMONDI e BARROS, 2021). Nessa perspectiva, os pesquisadores demonstram como esta abordagem foi predominantemente utilizada por feministas e mulheres negras.

Segundo Gama, Raimondi e Barros (2021), essas mulheres, dedicaram-se a escritas subjetivas relacionadas à sua história e as suas ancestralidades, subvertendo a lógica da escrita academicista, distante e objetiva, fundamentada, sobretudo, na ideia de um sujeito universal a partir de padrões eurocentristas. Percebe-se, assim, como a escrita de si é também uma forma de reivindicar um lugar de produção de conhecimento. Os temas nessas escritas apresentavam as vivências das autoras, assim, temáticas como racismo e machismo se faziam presentes. "Ela é uma escrita de si, mas também de um coletivo, uma escrita de

um corpo, mas também de uma condição que pode ser compartilhada ou (re)conhecida socialmente, a partir de recortes específicos” (GAMA, RAIMONDI e BARROS, 2021)

Nesse sentido, os autores Gama, Raimondi e Barros (2021), nos diz que essa escrita poderia ser chamada de “escrevivência”, termo cunhado por Conceição Evaristo. Partindo desta colocação, assumindo o papel político da escrita de si, principalmente quando escrita por mulheres negras, Soares e Machado apontam:

A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um “nós” compartilhado. (SOARES e MACHADO, 2017, p. 206)

Pensando na escrevivência como metodologia de pesquisa, Evangelista e Rocha (2021) afirmam que este método tem contribuído para que mulheres negras e homens negros, pesquisadoras e pesquisadores, possam se colocar como sujeitos protagonistas a partir de seu próprio ponto de vista, e, a partir dele, evidenciar suas histórias de vida e suas participações na sociedade. É notável como a autobiografia, ou autoetnografia, escrita de si e escrevivência, a narrativa autobiográfica, se mostra como um instrumento muito importante para a produção de conhecimento daqueles que são marginalizados socialmente, opondo-se a lógica eurocentrista/academicista e valorizando a diversidade de saberes nos sujeitos pesquisadores. (EVANGELISTA e ROCHA, 2021).

Neste trabalho também me apoio sobre autobiografias de autoras negras, como Bianca Santana e sua obra *Quando me descobri negra* (2015), cujos relatos se assemelham às experiências que vivenciei. Assim como Bianca, outras autoras, mulheres negras, em suas autonarrativas, ajudaram-me a me descobrir negra e a entender que tipo de mundo eu quero construir.

Tais argumentos reforçam o entendimento de que a autobiografia se torna propícia como metodologia para esta pesquisa. Ao utilizar este método de pesquisa para a produção deste trabalho, não coloco apenas a minha história em evidência, mas sim uma história de um coletivo, uma história compartilhada

por tantos outros que, como eu, não tiveram a representatividade na literatura infantil na infância. A concepção de escrevivência de Conceição Evaristo reforça a compreensão de que ao falar de mim, falo de um coletivo, e ao falar de um coletivo, falo de mim. Lüdke e André reafirmam esse percurso a partir de uma perspectiva mais tradicional da metodologia da pesquisa:

Sendo o principal instrumento da investigação, o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A introspecção e a reflexão têm papel importante na perspectiva naturalística. (LÜDKE E ANDRÉ, 2013)

A partir da autobiografia, analiso minha história de vida em relação à infância sem representatividade na literatura infantil, meu ingresso na universidade, meu "descobrimento" enquanto mulher negra e as experiências de mediações de leitura em uma escola de Educação Básica da rede pública de Porto Alegre. Além disso, analisarei as escritas das crianças feitas após a mediação de leitura reverberando o encontro com uma personagem protagonista negra.

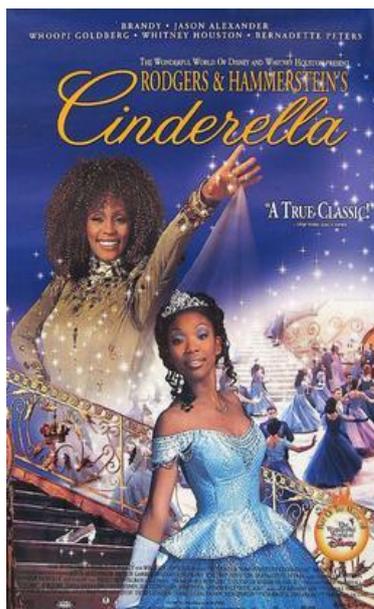
Um dos procedimentos metodológicos para coleta de dados da pesquisa qualitativa que aqui será utilizado é a análise de documentos. Para Lüdke e André (2013, p. 45) a análise documental “pode se constituir em uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos”, complementando informações obtidas por outras técnicas de pesquisa.

Traçadas essas considerações sobre a metodologia de autobiografia, inicio meu relato pessoal. O próximo capítulo deste trabalho contextualiza a minha narrativa pessoal justificando a escolha do tema para este trabalho

3.1 A ESCOLA

Quando eu estava na escola, são poucas as lembranças que tenho de ir até a biblioteca escolher um livro para ler ou da professora ler um livro para a turma. Na Educação Infantil e nos Anos Iniciais eu adorava todos os livros sobre princesas e príncipes encantados, a minha história favorita era Cinderela. Minha mãe até realizou um aniversário temático, mas na escola eu não podia ser essa personagem, uma vez eu ouvi que eu era a Cinderela depois que ela passou muito tempo no sol, e eu só pensava o que as pessoas ganhavam fazendo comentários como esse. Então, minha mãe me apresentou a um filme baseado na história da Cinderela (figura 9) cuja personagem principal era negra e a fada madrinha também: "Rodgers & Hammerstein's Cinderella" (ISCOVE, 1997)

Figura 9 - Cartaz promocional do filme Cinderella de 1997



Fonte: Wikipedia (2022).

De todas as adaptações realizadas dessa narrativa para o cinema, essa é a minha favorita até hoje, mas na minha cabeça, aquela não era a "verdadeira Cinderela", porque quando eu contei em sala, minha professora e colegas disseram que não era e que a verdadeira história era a que todos conheciam da princesa loira e branca.

O desejo de ser uma menina branca aumentava a cada situação de racismo vivida e o não gostar da minha cor começava a se transformar em ódio,

o mais triste dos pensamentos era questionar o porquê eu não tinha pais brancos, uma vez que se eu tivesse pais brancos, eu seria branca e conseqüentemente, eu poderia ficar parecida com as princesas dos meus filmes e livros de princesas que eu tanto amava ver e ler.

O racismo me fez ter vergonha da minha cor de pele; a falta de representatividade me fez querer ser branca com a pele igual da branca de neve e o cabelo liso, como todas as personagens e mulheres de destaques na tv, afetando minha autoestima até meu reconhecimento como mulher negra. Ao não me reconhecer como mulher negra, ao não reconhecer minha identidade, o desenvolvimento da minha autoestima era prejudicado, pois como afirma Silva:

O reconhecimento da identidade é essencial para o desenvolvimento da autoestima positiva, pois, através da mesma o indivíduo identifica sua posição histórica e social, desenvolvendo uma segurança maior em relação às suas características físicas. A autoestima propicia a aceitação e o entendimento de sua autoimagem. No momento em que o sujeito compreende o significado histórico-social das características em que está inserido, mais facilmente poderá compreender e se valorizar. " (SILVA *et al*, 2020, p.8)

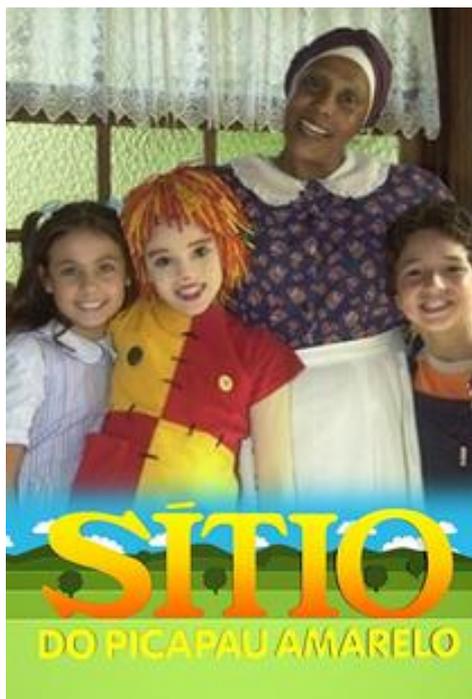
Sendo reforçado por Raia (2021) que “mulheres negras por anos foram representadas nos livros e na tv como empregadas domésticas ou qualquer outro papel que as inferiorizasse”

Ainda trazendo o contexto escolar, minha professora decidiu montar com as turmas uma peça baseada na história do "*Sítio do Pica Pau Amarelo*" de Monteiro Lobato. Ela iria convidar todas as turmas da escola para assistir e eu estava achando aquilo tudo lindo, até que iniciaram as escolhas do personagem. Eu queria ser a Narizinho - eu assistia ao "*Sítio do Pica Pau Amarelo*"⁸ adaptado para a televisão (Figura 10) - e eu adorava a personagem, sabia que ela teria destaque na peça, mas na hora da escolha a professora foi direto na menina branca de cabelo liso e curto, no estilo corte Chanel. Ela era perfeita para fazer o papel da Narizinho, dizia a professora e realmente, essa era a referência da personagem que víamos na série que passava na televisão.

⁸ No século 21, o *Sítio do Pica Pau Amarelo* retorna a TV Globo com uma nova adaptação. A versão teve início em outubro de 2001 e seu encerramento em dezembro de 2007.

Em decorrência disso, não consegui o papel desejado e com 8 anos de idade não estava disposta a lutar por ele, até porque seria uma luta perdida. Infelizmente não fui a única criança negra a passar por isso, a única criança invisibilizada pela sua cor de pele sem ao menos ver minha potencialidade de realizar e ser destaque em uma peça de teatro. (RAIA, 2021)

Figura 10 - Elenco Sítio do Picapau Amarelo, 5ª temporada (2005)



Fonte: Google imagens

Para o papel de Tia Anastácia, a professora não se deu ao trabalho de perguntar quem queria e olhou diretamente em minha direção dizendo: “Raíssa esse seria perfeito para você”. A mesma coisa aconteceu com o meu colega negro para o papel de Saci Pererê.

Hoje eu entendo que a escola teve papel preponderante na constituição da minha falta de conhecimento sobre representatividade e influenciou fortemente a constituição sobre minha negritude. Eu fui ensinada, por exemplo, que a África era o lugar de onde vinham as pessoas negras e era um “país” que eu não gostaria de conhecer, só tinha pessoas negras que passavam fome. E, sinceramente, eu não gostava quando os professores falavam qualquer coisa sobre a África porque eu sempre ouvia piadas sobre: “foi da África que veio a família da Raíssa.” Hoje eu responderia com muito orgulho que sim, foi de lá

que vieram meus ancestrais e me orgulho disso, mas naquela situação em que isso era comentado como piada, enfocando aspectos negativos, aquilo era uma ofensa, afinal o que aprendemos e aparecia na televisão eram crianças negras e muito magras, desnutridas, o que também nos faz pensar sobre a influência do que a mídia mostrava sobre esse lugar.

Quando a aula era sobre o Rio Grande do Sul, a influência para sentirmos orgulho do nosso estado e cantarmos o nosso hino com muito amor era enorme, eu que teria que ter orgulho das nossas tradições e do nosso hino (“*povo que não tem virtude acaba por escravizar*”⁹). No entanto, fatos históricos como dos lanceiros negros e o massacre de Porongos, até o meu ingresso na universidade, não havia sido abordados. Os verdadeiros heróis na Revolução Farroupilha. Essa minha experiência comprova o quanto o currículo escolar e as escolhas feitas resultam no apagamento das histórias dos meus ancestrais.

3.2 A UNIVERSIDADE

Desde criança pensava o que gostaria de ser quando me tornasse adulta. Já quis ser médica, dentista, veterinária, jornalista... A palavra faculdade quase nunca era dita na minha casa ou entre minha família. Fui saber mais sobre faculdade quando comecei o Ensino Médio, não sabia sobre valores, que para entrar era algo difícil e o porquê de absolutamente ninguém da minha família ter ingressado em uma universidade. No meu último ano do Ensino Médio muito se falou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os professores começaram a falar da dificuldade que era entrar na universidade, foi então que eu descobri que estudar nesse espaço era de graça, entretanto sempre quando surgia a conversa sobre a Universidade, eu pensava ser algo muito improvável de conseguir, ainda mais aos 17 anos, tendo que trabalhar e estudar. Além disso, ouvia que as cotas na universidade eram algo injusto ou nas palavras de alguns professores: tiravam a vaga de alguém.

Em 2013, concluí o Ensino Médio, continuei com meu emprego de *telemarketing* por um ano, até decidir que não era aquilo que eu gostaria para a minha vida. Pensei muito na minha família, na minha mãe que estudou apenas

⁹ Trecho retirado do Hino do Rio Grande do Sul

até a oitavo série do Ensino Fundamental e parou de estudar para trabalhar e ajudar com as despesas em casa; já meu pai que abandonou os estudos no segundo ano do 2º Grau para trabalhar; minhas avós que fizeram a segunda e quarta séries do Ensino Fundamental. Em meio a esse histórico, eu observava que meus primos também estavam largando os estudos para trabalhar. Achei que seria importante mudar isso na minha família e com o apoio da minha mãe, decidi sair do trabalho e me dedicar aos estudos para entrar na universidade.

Comecei a fazer um cursinho pré-vestibular particular, lembro-me de ir até o local e ver as formas de pagamento, me assustar com os valores, mas felizmente consegui um emprego como monitora. Assim, de manhã eu tinha aula e à tarde eu trabalhava para eles, e com isso não precisava pagar pelas aulas. Fico pensando em como eu gostaria de ter conhecido os cursos pré-vestibular populares, pois não me sentia muito bem onde eu estava.

De pessoas negras eram eu e mais duas, cerca de 90% dos alunos de lá viviam bem financeiramente, quem não conseguisse entrar na UFRGS iria para PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Eu sentia que estava num lugar onde quem sabia mais era o melhor, acontecia até competição de quem tirava a melhor nota nos simulados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e da UFRGS.

Mesmo assim, posso dizer que tirei coisas positivas dessa vivência, como finalmente ter aulas de história, algo que não tive no meu ensino médio e, finalmente, aprender sobre a ditadura militar e o que foi esse regime em nosso país. Foram nessas aulas de história que a vontade e o gosto pela leitura começaram, antes a leitura era algo que eu não gostava e não praticava. As leituras obrigatórias da UFRGS também me ajudaram a desenvolver o gosto por ler.

O livro *O quarto de despejo de Carolina* de Maria de Jesus (1960), foi minha primeira leitura satisfatória, digo satisfatória visto que eu estava entendendo a escrita da autora, e a autora era uma mulher negra. Acredito que era a primeira vez que eu estava lendo um livro escrito por uma mulher negra. A história contava sobre sua vida, enquanto mulher negra, pobre, favelada e mãe solteira. Carolina Maria de Jesus é uma inspiração e esse acabou se tornando meu livro favorito desde então.

No dia 20 de janeiro de 2018, recebi uma ligação, meu nome estava no listão de aprovados da UFRGS. Sinceramente, eu não tinha nenhuma esperança de que conseguiria, uma vez que nos dois últimos anos acabei me frustrando não vendo meu nome nele. Mas então entrei na tão sonhada UFRGS, minha mãe se emocionou ao saber da notícia, foram dois anos de cursinho, com mudança de curso na última hora que eu estava me inscrevendo para o vestibular 2018, e no fim era para ser Pedagogia, comecei a pensar que nada é por acaso mesmo.

Ingressei na universidade no segundo semestre de 2018, e se eu fechar os olhos consigo recordar a sensação que estava sentindo no primeiro dia de aula, frio na barriga, medo de me expor, a sensação aterrorizante de me apresentar à turma em razão de estar nervosa. Olhei em volta e não tive como eu não contar quantas pessoas negras havia na sala, era eu e mais 3 meninas em uma sala com 20 alunos, já comecei a me sentir desconfortável. As meninas falavam assuntos aos quais eu não estava acostumada, falando sobre seus livros favoritos, seus autores, sobre Paulo Freire. Me senti burra na hora, pois sabia quem era Paulo Freire, mas nunca havia lido nenhum de seus livros. Comecei a pensar que aquele espaço não era para mim, achei que na recepção dos calouros as coisas melhorariam, mas me senti isolada naquele espaço de 98% de pessoas brancas e suas lindas histórias sobre como foi entrar na universidade, sendo que a minha não era nada parecida com as delas, então eu preferia permanecer calada naquele ambiente. Ir para a universidade se tornou um desconforto, pois não me sentia acolhida naquele espaço.

Ao longo do semestre, fui conhecendo melhor as pessoas do curso e me aproximando de algumas, mas ainda me sentia desconfortável nas aulas, não abria minha boca para nada, tinha medo de que se eu abrisse sairia alguma coisa idiota e as pessoas fossem me achar burra. Até que em uma aula de filosofia me senti segura para falar e acabei pedindo a fala. A aula era sobre o livro *Lugar de Fala* da autora Djamila Ribeiro (2017), era a primeira leitura de uma autora negra que eu estava tendo no curso e naquela aula eu consegui falar em como eu me sentia naquele ambiente, como as pessoas brancas deveriam acolher melhor as pessoas negras na universidade, e como na maioria dos espaços, ainda somos minorias. Refleti naquele espaço, como em um curso no qual falamos muito sobre acolhimento, sobre amor, tinham pessoas que não

estavam se sentindo pertencentes àquele lugar. Lembro-me dessa aula como se fosse hoje, as palavras saíram junto com minhas lágrimas, eram um desabafo e fiquei feliz em poder estar usando aquele espaço. E foi depois dessa aula, de ler *Lugar de Fala* e dizer como eu me sentia em um lugar majoritariamente ocupado por pessoas brancas, que comecei a ler livros de outras mulheres negras escritoras, foi então que Angela Davis, bell hooks e Lélia Gonzalez entraram na minha vida e me ajudaram a dar início à minha aceitação como mulher negra.

3.3 QUANDO ME DESCOBRI NEGRA

Escrever um pouco sobre minha infância até chegar à universidade me faz pensar no processo de me descobrir negra e também, como explicita Lélia Gonzalez (2020), me aceitar como uma mulher negra. Tenho 26 anos, mas posso afirmar que me sinto e me caracterizo como negra há apenas quatro. Antes eu era morena, a palavra negra para mim era como uma ofensa, não gostava de ser caracterizada, ficava triste.

Em novembro de 2018, fui convidada para participar da primeira reunião do Afronte, coletivo que, conforme já mencionado, fiz parte durante quatro anos. Estávamos entrando em um período que seria de muita luta, principalmente para o povo preto, que vinha de uma derrota dolorosa, na qual Bolsonaro havia se eleito a presidência da república. Um homem que publicamente declarou que não aceitaria o filho namorando uma mulher negra, esse seria meu presidente nos próximos 4 anos. Mas prometemos que ninguém soltaria a mão de ninguém. Percebi que a frase “Ninguém solta a mão de ninguém”, presente no Manifesto Afetivo de Resistência pelas Liberdades (2019), me sustentou nesses últimos quatro, aproximou-me de pessoas negras que não soltaram minha mão e que foram importantes para meu reconhecimento como mulher negra.

Comecei a ler autoras e autores relevantes para consolidar esse meu reconhecimento: Angela Davis, Djamila Ribeiro, bell hooks e Silvio de Almeida. Seus textos auxiliaram-me a aprofundar meu entendimento sobre questões raciais, e me identifiquei com suas escritas. Comecei a ouvir falas de mulheres

negras como Martina Gomes¹⁰, Thais Santos¹¹ e Andressa Sales¹² e elas me tocaram, percebi que havia muitas coisas em comum com elas, e me senti orgulhosa em estar nos mesmos espaços que elas, mas algo em mim precisava mudar, começando pela forma como eu me via, como eu amava a mim mesma.

O curso de Licenciatura em Pedagogia tem sido essencial não só para minha formação como futura educadora, mas também para a minha aceitação como educadora negra. Passei a pensar que era importante pensar sobre meu processo de aceitação como uma mulher negra, como iria dizer para crianças negras se aceitarem e se amarem, se eu não estava fazendo isso. No contexto da escola, nunca me coloquei como prioridade em ser amada e nunca alguém havia me colocado como prioridade no amor. Cursar pedagogia fez eu me amar, um amor resultado de muitas experiências, mas a principal delas que abordo neste trabalho é da leitura literária com textos e personagens que me colocavam frente e frente com mulheres negras.

Em uma sociedade que entende que o branco é mais bonito, que o cabelo liso é o melhor, que desde a Educação Infantil as crianças não queriam ser minhas amigas porque meu cabelo era de “bombril” e de “vassoura”, alisar meu cabelo também foi uma forma de sobrevivência.

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro. (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 42)

Hoje posso afirmar que sou sim uma mulher negra, sem nenhuma vergonha de ser o que sou, sou negra, não morena! Se antes eu não saía de casa sem fazer chapinha para alisar o meu cabelo, agora consigo mostrar meus cachinhos, confesso que essa é a parte mais difícil de aceitação, mas está em

¹⁰ Martina Gomes, professora da rede municipal de Santo André/SP, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Militante do movimento negro e feminista e foi integrante do Setorial Nacional de Mulheres do PSOL (2019/2020).

¹¹ Thais Pereira Santos, 25 anos, estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e militante do movimento negro.

¹² Andressa Caroline Pereira Sales, 23 anos, estudante de biologia da Universidade Federal de Brasília. Atuou no movimento negro em Porto Alegre entre 2019 e 2021

evolução. As fotos nas redes sociais que antes eram editadas hoje não existem mais, foram excluídas do meu perfil do Instagram. Afinal, aquela não era eu, minha pele não é branca.

A minha experiência é compartilhada por outras mulheres negras, como Bianca Santana que ao relatar os processos que vivenciou quando se descobriu negra, diz:

Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade, é como disse Francisco weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquela da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. (SANTANA, 2015, p.15)

Ainda guardo aquelas fotos da Raíssa de antes, acho importante mostrar para as pessoas como o racismo me provocava, e o que ele pode fazer com nossos futuros estudantes se não começarmos desde a escola influenciar crianças a lerem autoras e autores negros, livros com personagens negras e negros, auxiliar as crianças negras a ter comportamento protagonista e se verem em destaque.

3.4 O PAPEL DA LITERATURA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A literatura infantil se mostra como recurso necessário ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças na educação infantil. Como defende Cardoso (2019, p.7): “O contato com a literatura pode oferecer às crianças, desde a mais tenra idade, possibilidades de ir descobrindo não apenas quem elas são, mas também quem elas querem e podem ser.”. Além disso, a literatura também contribui para o desenvolvimento da autoestima da criança quando ela se vê representada nas histórias, e, por conseguinte, proporciona maiores contribuições para o seu aprendizado de maneira geral.

Dessa forma, em consonância com os objetivos deste trabalho, cabe aqui contextualizar a literatura infantil como recurso que fomenta a autoestima. Ademais, também será feita uma relação entre a literatura infantil e a representatividade da criança negra, por muitas vezes, negligenciada nos espaços escolares (CARNEIRO; RUSSO, 2020).

A literatura Infantil é relativamente nova, pois antigamente as crianças eram vistas como pequenos adultos, não havendo uma literatura específica para eles ou uma preocupação pedagógica direcionada para sua aprendizagem. Desse modo, a literatura infantil se origina com o advento da infância. Em seu surgimento, o controle e monitoramento do adulto em relação à criança se faziam presentes (HUNT *apud* MACÊDO, 2019, p. 19)

A autora compreende essa relação de poder como primordial para entender os processos nos quais se originou a literatura infantil, contextualizando as relações de poder adaptadas às normas vigentes durante o percurso histórico da literatura infantil. Assim, as mudanças que consolidaram esta literatura ocorreram nos séculos XVII e XVIII, quando as normas sociais instituem a criança como um lugar de afeto e de particular atenção, com textos específicos destinados a ela (MACEDO, 2019).

A literatura infantil na contemporaneidade mantém seu caráter efetivamente pedagógico planejado para o desenvolvimento infantil e com menor intencionalidade de dominação ou controle da infância. A presença da literatura infantil em salas de aula desde a Educação Infantil segundo Cardoso (2019), propicia aos alunos a possibilidade de ir descobrindo quem são e quem elas querem e podem ser. Interagir com o texto literário auxilia a criança no desenvolvimento de formação da criança e de compreensão do mundo por parte dela (ABRAMOVICH *apud* CARDOSO, 2019)

Nesta argumentação, percebe-se que a compreensão do mundo por parte da criança é a compreensão do mundo a ela apresentado pela literatura infantil, ou seja, a medida na qual este mundo é preenchido apenas por personagens brancos, o mundo compreendido é um mundo branco e as possibilidades apresentadas às crianças são estas referências brancas, como princesas e príncipes e seus traços fenotípicos eurocentristas. Este fato é fundamentalmente importante quando se pensa nas crianças negras que têm acesso somente à literatura que apresenta este mundo completamente branco e eurocêntrico. Quando esta literatura é apresentada a elas, possibilidades de se imaginar como protagonistas são prontamente negadas, afetando o desenvolvimento de sua autoestima.

É importante que desde cedo as crianças desenvolvam gosto pela arte literária, pois ela pode contribuir para formação de futuros cidadãos, uma vez

que a leitura auxilia a estimular sua imaginação. Silva e Ribeiro (2021, p. 2) trazem que “todo adulto um dia já foi criança e por meio do lúdico, da oralidade e da contação de história pode experimentar situações que colaborem para a formação de adulto. ”

Defender a literatura como necessidade básica dos indivíduos significa que ela deve ser apresentada e oferecida de maneira igual para todos. A literatura é importante no processo de humanização pela interação do leitor com a obra e seu autor, o que faz com que o leitor enxergue o mundo pelos olhos do outro e, desta maneira, tenha a possibilidade de se conhecer melhor, conhecer melhor o próprio povo e novas culturas. Isso acontece com todos os processos de manifestação de linguagem, mas o texto literário representa uma forma de linguagem mais desenvolvida resultando numa experiência mais ampla. (CORRÊA, 2021, p.33)

É fundamental que a literatura na sala de aula seja garantida, principalmente na Educação Infantil. A literatura deve ser apresentada e oferecida e deve ser disponibilizada a todos para que tenham contato com obras que lhe tragam satisfação, conhecimentos e questionamentos sobre o mundo. Para Corrêa (2021, p. 34) “A democratização da literatura assegura igualdade de acesso a ela. ”

As memórias da infância marcam nossa identidade e para Andrade (2013), a nossa identidade resulta na ideia de como nos vemos na sociedade e pela sociedade à qual vamos fazer parte. Pensando na afirmação da autora, é notável a relevância nas escolhas literárias pensando no resgate memorial e formação do negro para que desenvolvam sua identidade e autoestima. Cademortori (2014) afirma esse pensamento ao definir no Glossário Ceale que "as melhores obras são aquelas que respeitam seu público, permitindo ao leitor infantil possibilidades amplas de dar sentido ao que lê. ”

Portanto, pensar a autoestima de crianças negras é pensar também em como as crianças se enxergarão e o papel das escolhas dos livros torna-se fundamental nessa questão, e em conjunto a isso fazendo que essa criança crie gosto pela leitura e não pensar nela em uma atividade exigida pela escola.

4 LEIA PARA UMA CRIANÇA NEGRA: PRODUTO DE UMA PEDAGOGA NEGRA PARA PROMOVER A AUTOESTIMA DE CRIANÇAS NEGRAS

Pensando na contribuição por uma educação antirracista através da divulgação de livros escritos somente por autoras e autores negros com histórias apresentando personagens negras e negros como os principais, inspirado no programa do Itaú Social "Leia para um Criança"¹³, em 2020, com ajuda da estudante de Ciência Sociais Thais Santos, criamos o site "Leia Para uma Criança Negra"¹⁴¹⁵

Figura 11 - Site "Construindo uma educação antirracista"



Fonte: Acervo Pessoal

Importante ressaltar que o site foi pensado e criado por duas estudantes negras que foram construindo sua negritude através da literatura e que se perceberam negras a partir do racismo sofrido, e por esses motivos estavam comprometidas em tentar mudar o mundo. Por mais exagerado ou talvez utópico que essa nossa ideia possa parecer, conectar as crianças com a negritude em

¹³ Organizado pelo Itaú Social desde 2010, o Leia para uma criança é um programa de incentivo à leitura que consiste a cada ano em distribuir gratuitamente livros infantis que se inscrevem no site do projeto. Entre 2010 e 2018 o Leia para uma criança distribuiu mais de 54 exemplares de livros.

¹⁴ Site disponível em: <https://xn--leiaparaumacriananegra-f7b.weebly.com/>

¹⁵ A historiadora e contadora de história Alana Ribeiro criou em 2009 um Instagram e podcast intitulado Leia para uma Criança negra também com o compromisso com a difusão de histórias negras. Instagram disponível em: <https://instagram.com/leiaparaumacriananegra?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

forma de potência e não de tragédia é sim um modo de desenvolvimento e fortalecimento da autoestima. Essa crença encontra eco nas palavras de Carneiro e Russo (2020, p.105):

O Brasil é o país que tem a maior população de origem africana fora da África, porém essa pluralidade étnica não é representada nos brinquedos e muitas vezes também registra sua ausência dentro das escolas. Esse problema nos leva à necessidade de refletir sobre a importância de elementos afirmativos no convívio social das crianças, promovendo um debate acerca da presença da representatividade nos espaços escolares para o desenvolvimento construtivo e significativo.

Entendemos que crianças negras têm ao longo do tempo não encontrado modelos e espaço para se enquadrarem nos padrões impostos e replicados em diferentes objetos culturais. Este trabalho se detém em especial na literatura infantil, objeto cultural voltado à infância e que, no caso de crianças negras, pouco auxilia crianças negras a enfrentar o racismo ao reproduzir os padrões limitantes e preconceituosos da sociedade. Estes padrões se enquadram no perfil “correto” e “bonito” estabelecido pela sociedade, como por exemplo, ter a pele clara, traços finos e cabelos lisos (ARAÚJO, SILVA e PEREIRA, 2022). Criar esse site foi uma maneira que encontramos para superar nossas marcas do passado, nos curar e fortalecer nossa negritude e incentivar a valorização da herança africana que carregamos em nossa pele.

Ao realizar o site compreendemos a influência que há ao ler para crianças negras, principalmente ao apresentá-las para livros com personagens negros para que possam se ver dentro da literatura e valorizarem a sua beleza. Muitas das histórias contadas por nossas professoras na nossa infância se passavam em cenários imaginado e lugares belos, tendo como personagens príncipes encantados e lindas princesas, mas em nenhuma dessas histórias havia princesas de cabelos cacheados ou com a pele escura, princesas negras sendo as mais lindas do reino encantado. Além disso, a ausência de uma heroína negra nos livros literários também nos fez falta. Em sua dissertação, "As meninas negras na Literatura Infantil sob as perspectivas de olhares plurais: o que dizem esses olhares?", a pesquisadora Ana Lúcia da Silva Raia (2021, p.41) apresenta relato semelhante ao nosso:

É fato que muitos de nós recordamos as histórias contadas por nossas mães, professoras/es e, em grande parte, as personagens que protagonizavam essas histórias eram princesas brancas, num cenário de fantasia e beleza, mas que nada relacionava-se com nosso cotidiano. No passado havia uma baixa ou nula incidência de heroínas negras, as quais fizeram falta no cenário de fantasia dessas meninas negras, faltando-lhes com quem se identificassem. (RAIA, 2021, p. 41).

A pesquisadora ainda destaca que “Durante séculos, a figura da personagem da menina negra, bem como sua cultura, foi tratada de forma invisível ou subalternizada, enfatizando a inferioridade com que a cultura negra era vista.” (RAIA, 2021, p. 41). O site criado por mim e um por minha colega - "Leia para uma criança negra"- traz livros que resgatam a importância de as crianças negras se reconhecerem no mundo e sempre se orgulharem de quem são, emponderando-as, levando leitores a conhecerem fatos históricos e personagens que se transformaram em símbolo de resistência e superação

Figura 12 - Site “Construindo uma educação antirracista”



Fonte: Acervo Pessoal

Além de contribuir com uma educação antirracista o site também tem como intenção auxiliar professores e coordenadores nas escolhas de leituras literárias a serem mediadas, auxiliando crianças negras a desenvolverem sua autoestima desde a infância e crianças não negras a desenvolverem desde a infância empatia e respeito. É indispensável pensar em formas de lidar com situações de racismo que crianças negras possivelmente irão sofrer no futuro e pensar em como lidar com essas situações antes que aconteça e não esperar

acontecer para algo ser feito. A literatura infantil pode ser um modo de enfrentamento dessas situações.

Figura 13 - Site “Construindo uma educação antirracista”



Fonte: Acervo Pessoal

A criança desde a infância já nota a presença racial, diversos autores afirmam que: “entre 3 e 5 anos a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza” (ABRAMOWICZ *et al*, 2012, p. 101). Crianças em sua condição de branca se mostram confortáveis em explicitar que branco é bonito e preto é feio apontando para personagens, livros, brinquedos e etc. (ABRAMOWICZ *et al*, 2012).

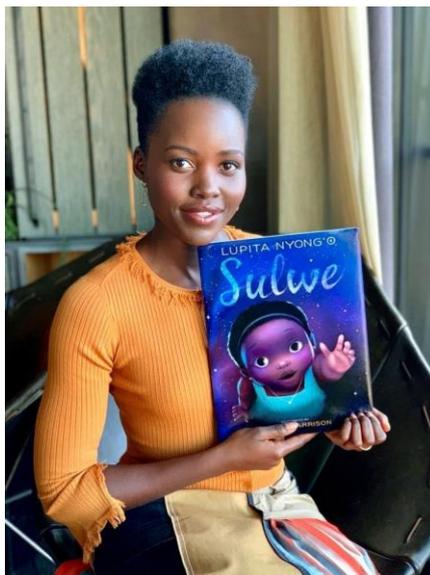
A ideia da criação do site carrega a esperança de que por meio dos livros e da literatura negra, cria-se espaço de reflexão sobre a importância da valorização das diferenças desde a infância, independentemente de suas raças e etnias, para que as crianças consigam enxergar a beleza e a importância da própria cultura e interagir com a cultura do outro.

4.1 ANÁLISE DO LIVRO *SULWE* (NYONG'O, 2019).

A autora do livro que analisamos neste capítulo do trabalho é Lupita Nyong'ó (Figura 14): é atriz, produtora de cinema e escritora. Seus pais nasceram no Quênia e Nyong'ó no México, portanto a atriz possui duas nacionalidades. O primeiro longa-metragem de sua carreira, *12 anos escravidão*, lhe rendeu o Oscar de melhor atriz coadjuvante e diversos outros prêmios. Lupita também colabora atuando na luta dos direitos das mulheres e dos animais.

Participou de inúmeras peças de teatro Yale School of Drama, na Universidade Yale, nos Estados Unidos, onde fez mestrado em atuação. Seu último papel de destaque foi como a personagem Nakia na filmografia “Black Panther: Wakanda Forever – (“Pantera Negra: Wakanda para Sempre”), continuação do filme “Pantera Negra” (“Black Panther”).¹⁶

Figura 14 – Lupita Nyong'o

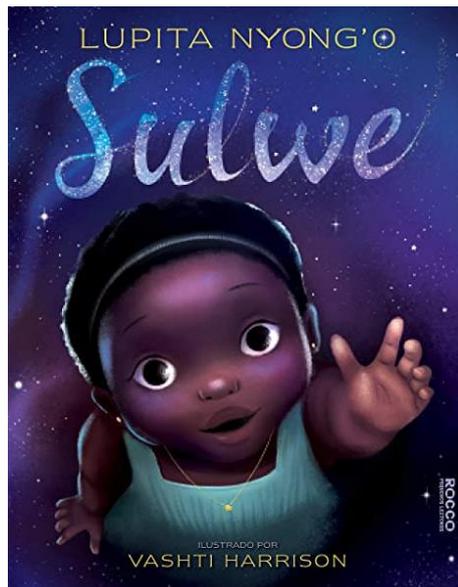


Fonte: Acervo pessoal.

Sulwe (NYONG'O, 2019) (Figura 15) é a história de uma menina que nasceu com a pele da cor da meia-noite, ela não se parecia com ninguém da sua família. Poucos colegas da escola se pareciam com a *Sulwe*, as pessoas davam apelidos que ela não gostava como: neguinha e escurinha, por isso, ela se escondia. *Sulwe* sonhava em ser da mesma cor que sua família (Figura 16) e ter amigos de verdade (Figura 17). Para isso, passou a comer alimentos claros (Figura 20), usar maquiagem de sua mãe (Figura 19) e até tentar apagar com uma borracha as camadas da sua pele escura (Figura 18) e antes de dormir, sempre rezava pedindo para Deus para acordar com a pele mais clara.

¹⁶ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lupita_Nyong%27o

Figura 15 - Capa do livro Sulwe



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 - Sulwe junto com sua família



Fonte: Nyong'o (2019, p. 6).

Figura 17 - Na escola



Fonte: Nyong'o (2019, p. 6).

Figura 18 - Sulwe tentando apagar sua pele com uma borracha.



Fonte: Nyong'o (2019, p. 7).

Figura 19 - Sulwe usando a maquiagem da sua mãe.



Fonte: Nyong'o (2019, p.7).

Figura 20 - Sulwe se alimentando somente de comidas claras.



Fonte: Nyong'o (2019, p. 8).

A mãe de Sulwe falava o quanto ela era linda (Figura 21), o que importava era sua beleza interior, mas para Sulwe não importava ser linda apenas pelos olhos da sua mãe, como ela poderia ser bonita, se ninguém além da sua mãe via isso? Até que um uma noite, uma estrela cadente apareceu na janela de Sulwe e a levou para dar um passeio (Figura 22) e lhe contou a história de duas irmãs, noite e dia e como o dia ajudou a irmã a reconhecer seu brilho e a sua importância.

Figura 21- Mãe de Sulwe dizendo que ela era linda



Fonte: Nyong'o (2019, p. 12).

Figura 22- Sulwe viajando com a estrela



Fonte: Nyong'o (2019, p. 19).

Figura 23- Dia conversando com a sua irmã Noite



Fonte: Nyong’o (2019, p. 21).

A autora do livro Lupita Nyong’o nos conta que assim como a personagem, ela enfrentou muita zombaria por ter a pele escura, ela fazia todo o tipo de coisa para clarear sua pele e toda noite rezava para que um dia acordasse com a pele mais clara. Estamos, portanto, diante de uma narrativa autobiográfica:

Meus sentimentos com relação à minha cor de pele só mudaram depois que eu cresci. Ver mulheres negras de pele escura serem reconhecidas por sua beleza me ajudou muito. Percebi que, se elas eram lindas, eu também poderia ser linda. Comecei a me ver de forma diferente. (NYONG’O, 2019, p. 28).

A narrativa é bastante sensível ao tratar de um tema que provavelmente afeta muitas crianças negras. O fato de essa narrativa verbal vir acompanhada de cenas que colocam o leitor desde a capa frente a frente com uma criança negra fortalece a intencionalidade da história de apresentar uma situação, de possibilitar o reconhecimento e o encontro de leitores, crianças negras e as brancas, com tudo isso.

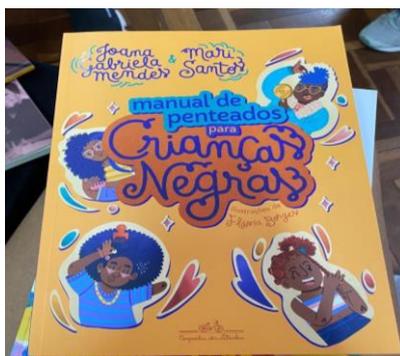
A minha narrativa pessoal que está no início deste trabalho é justificativa suficiente para que essa história tenha me tocado profundamente. A sensibilização associada à compreensão de que mediar a leitura dessa história seria uma experiência importante para qualquer criança me fez escolhê-la para uma experiência de leitura mediada que relato no capítulo a seguir.

4.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA: LEITURA DE SULWE

Em novembro de 2021, a convite da bibliotecária da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão, localizada no Bairro Passo das Pedras no município de Porto Alegre, e onde eu realizava estágio não obrigatório, realizou-se uma atividade de mediação de leitura literária durante duas semanas com as turmas do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. O livro escolhido para ser lido foi o *Sulwe* (2019) da autora Lupita Nyong'o, ilustrado por Vashti Harrison, publicado pela Editora Rocco no selo Pequenos leitores. A escolha do livro se deu por dois motivos: primeiro eu já conhecia a história que havia me tocado muito; e em segundo, talvez mais importante, porque o tema vinha ao encontro de demandas da escola relacionadas às questões de autoestima, principalmente em relação ao cabelo negro. Dessa forma, uniu-se identificação pessoal e conhecimentos sobre a negritude nessa escolha e no planejamento da experiência que narro.

A escola Pepita de Leão possui em sua biblioteca vários livros de literatura infantil negra (Figura 26). Dentre os livros que encontramos no acervo estão: *Manual de Penteados para Crianças Negras* (2022) (Figuras 24 e 25) das autoras Joana Gabriela Mendes e Mari Santos, publicado pela editora Companhia das Letrinhas. *Ei, Você! Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro* (2021) do autor britânico Dapo Adeola, publicado pela editora companhia das Letrinhas, entre outras obras literárias de autores e personagens negros. A intenção é motivar desde cedo crianças a consumirem objetos culturais de autoria negra, promovendo o reconhecimento a partir das histórias dos livros, principalmente os livros voltados ao público das infâncias.

Figura 24 - Capa do livro Manual de Penteados para Crianças Negras (MENDES, SANTOS, 2022)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 25 - Capa do livro Manual de Penteados para Crianças Negras (MENDES, SANTOS, 2022)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 26 - Estante de livros do clube do livro



Fonte: Arquivo pessoal

Diante de tantos títulos, *Sulwe* (NYONG'O, 2019) foi o livro escolhido. A contação do livro aconteceu para doze turmas da escola, do 1º ao 6º ano do ensino fundamental. Cada ano possui duas turmas. Dividiram-se as turmas em dois grupos por dia, prevendo um tempo de aproximadamente 40 minutos ao longo de duas semanas. Como eu trabalhava na escola, a mim foi reservado os dois últimos períodos do dia para realizar a contação, este horário também era o mais apropriado para as meninas do Coletivo Afronte poderem participar. Os alunos tinham de 06 a 13 anos.

Antes de realizar a leitura do livro para as turmas, foi discutido entre o coletivo como iríamos iniciar a conversa, pensamos que seria importante saber como as crianças estavam se enxergando, como elas estavam em relação ao gostar de si mesmas. As contações foram organizadas para acontecer no espaço da biblioteca escolar. No início da atividade pedi para as crianças se sentarem em círculos, expliquei-lhes que assim era melhor para elas se enxergarem uma as outras. Esse tipo de organização dos alunos na sala é algo que eu aprendi na Faculdade de Educação e procurei utilizar na minha prática. O início desta contação foi um momento para compreender como as crianças enxergavam a si mesmas e como estavam em relação ao gostar de si.

Foi perguntado às crianças o que cada uma gostava mais em si. Todas as crianças responderam algo, como apresentado no quadro abaixo, nenhum respondeu que não sabia o que gostava em si. Era inevitável que as respostas das crianças negras me chamassem a atenção, sobretudo das meninas negras quando respondiam que o que mais gostavam em si era de seus cabelos cacheados ou crespos. Eu me via nelas, mas de uma forma diferente, pois sei que se fosse eu a responder, nunca falaria dos meus cabelos e sim dos meus olhos, provavelmente. Por tanto, ver garotas negras relatarem sua admiração por características tão próprias da negritude, chamou-me bastante a atenção. Algumas das respostas coletadas apresento no Quadro 1:

Quadro 1 - O que cada criança gostava mais em si

Resposta das crianças
“O que eu mais gosto em mim é... meus olhos” - respondeu um dos meninos
“Eu gosto do meu nariz” - respondeu outro menino na sala
“O que eu mais gosto em mim é o meu cabelo” - respondeu firme uma menina sem nem pensar muito.
“Eu também gosto do meu cabelo” - respondeu a menina ao lado
“... Eu acho que eu gosto do meu cabelo” - respondeu outra menina
“Prof., eu gosto do meu cabelo e dos meus olhos” - respondeu um menino

Fonte: Organizado pela autora.

Essas foram algumas das muitas respostas que ouvi por duas semanas de alunos enquanto era feita a introdução para a contação da história. Antes de começar com a leitura, mencionamos a importância de suas respostas, principalmente vindo de meninas negras e seus cabelos cacheados em razão de não gostar do meu cabelo na idade delas, se me perguntassem eu não responderia que o que eu mais gostava era meu cabelo.

A história que eu iria contar, era sobre uma menina que não gostava de uma parte sua, sua cor de pele. Comentei com alunos que “fui uma criança que não gostava do meu cabelo e da minha cor de pele, eu jamais responderia que gostava do meu cabelo na idade de vocês, na idade de vocês eu queria alisar a resposta de vocês é muito importante para vermos que está havendo mudanças positivas no mundo” e uma das alunas me respondeu: “Prof., mas o seu cabelo é tão bonito”.

Ao longo da leitura, podia perceber os olhos atentos das crianças prestando muita atenção na história que estavam ouvindo, como alguém não poderia ter amigos por conta da cor de pele? Era o questionamento que eu mais ouvia dos alunos.

Após esse momento, houve uma breve conversa com os alunos, na qual eu contei que o livro *Sulwe*, era meu livro infantil favorito porque eu me enxergava na personagem, a menina Sulwe, quando eu tinha a idade dela, eu sentia a mesma coisa que ela em relação à sua cor de pele e apenas depois de

adulta que eu fui gostar da minha cor. Por essa razão é importante não realizar piadas com a cor de pele e nem com o cabelo de ninguém, pois essas piadas marcam nossas vidas e será difícil esquecer.

Dos relatos que ouvi de alunos que já sofreram insultos pela cor de pele e/ou pelo cabelo *black power*, um aluno relatou que raspava seu cabelo, mas depois que viu uma foto do cabelo *black* do cantor Emicida achou bonito e decidiu manter. Uma aluna relatou que sua mãe não a deixa alisar o cabelo, porque poderia nunca mais voltar os cachos e que ela acha bonito. Na biblioteca da escola ela leu o livro *Meu crespo é de rainha* (capa na Figura 7) e adotou os penteados que estavam representados no livro.

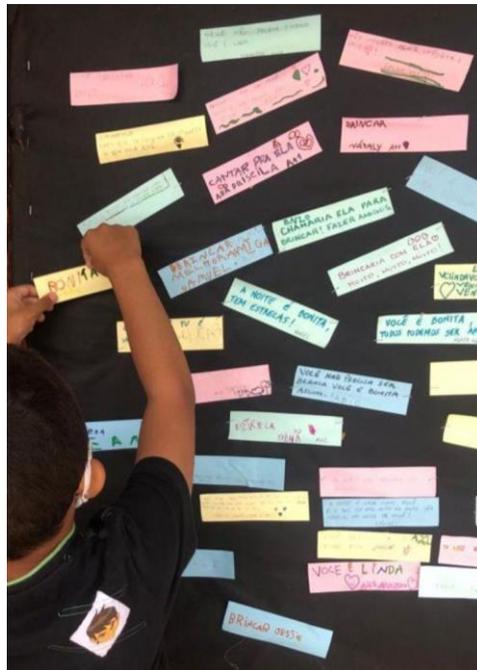
Ao término da conversa com os alunos sobre o livro e suas vivências, solicitava que cada aluno escrevesse em um papel algo que eles fariam para ajudar a personagem Sulwe caso ela fosse sua colega e ela estivesse triste, como no livro. As respostas foram escritas pelos alunos e expostas no mural na escola para que todos pudessem ver – conforme demonstrado no quadro e nas imagens a seguir. A intenção de organizar o mural com tais escritas (Quadro 2) foi acolher algum ou alguma colega que talvez esteja se sentindo mal por uma questão de preconceito, ao passar pelo mural (Figuras 27 e 28) com as escritas possa se sentir melhor lendo tais mensagens. Os alunos amaram a ideia, todos se reuniram em volta da mesa para escrever uma mensagem bonita, e ao final o retorno pela contação veio com abraços e agradecimentos pela história contada e uma pergunta: “quando ouviremos outra história como a da Sulwe novamente?”

Quadro 2 - Algumas escritas das crianças para a Sulwe

Resposta das crianças
“Cantar para ela”
“Chamaria ela para brincar”
“Brincar com ela muito, muito, muito”
“Você não precisa ser branca, você é bonita assim”
““Te amo, bonita”
“Você é linda, vem me dar um abraço, vem brincar comigo”
“A noite é bonita, tem estrelas! ”

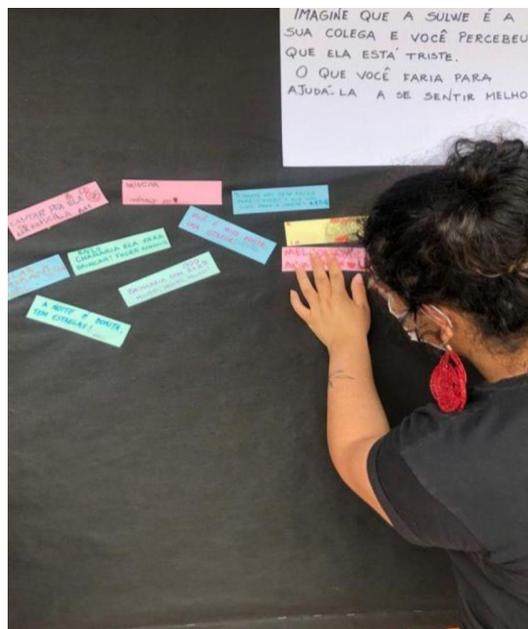
Fonte: Organizado pela autora.

Figura 27 - Mural com as respostas das crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 28 - Mural com as respostas das crianças



Fonte: Arquivo pessoal.

Para Abramovich (2008, p.12) “as histórias, além do prazer e divertimento que proporcionam, são de extrema importância na formação da

criança. ”. A obra *Sulwe* é uma história sensível e acolhedora que reflete nas vidas das crianças negras e não negras fazendo com que elas reflitam sobre o racismo e importância do acolhimento. A leitura de histórias como a da *Sulwe* provoca pensar sobre como a educação é diretamente responsável pela construção de uma sociedade antirracista, na qual crianças negras se amem, sejam respeitadas e possam se orgulhar da sua história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que se apresenta nesta pesquisa, pode-se considerar necessário enxergarmos o contexto escolar em que crianças negras vivem, visto que é na escola que as crianças iniciam seu caminho de construção de identidade e de sociedade. Para isso, é necessário trabalhar temas pertinentes à realidade dos alunos dentro das escolas, sendo uma delas, como abordado neste trabalho, a construção de uma educação antirracista bem como o desenvolvimento da autoestima valendo-se da literatura infantil que é levada para a sala de aula ou para os espaços de mediação da leitura.

A literatura é uma importante forma de expressão cultural, capaz de transportar o leitor para diferentes universos, experiências e vivências, colocando-o em posições e frente à situação talvez inimagináveis fora do texto literário verbal e visual. Para as crianças, a leitura literária é uma maneira de descobrir o mundo e, ao mesmo tempo, de se conhecerem melhor. Quando se trata de crianças negras, escolhas potentes sobre o tema de livros a serem lidos por meio da mediação pode ser uma importante ferramenta para ajudá-las a desenvolver a autoestima.

Através da literatura, as crianças podem se ver como personagens positivos e protagonistas de suas histórias, o que contribui para a construção de uma identidade positiva e fortalece a autoestima. A literatura infantil também é uma ferramenta importante para a conscientização das crianças sobre a diversidade étnico-racial e para o combate ao racismo. Ao apresentar personagens negros em contextos diversos e valorizando suas contribuições para a sociedade, a literatura ajuda a desconstruir estereótipos e preconceitos.

Outra forma de promover a autoestima de crianças negras por meio da literatura é resgatando a história de seus antepassados. Livros que contem histórias sobre a luta e a resistência do povo negro ao longo da história podem ajudar as crianças negras a entenderem suas raízes e a valorizar sua herança cultural. Conhecer a história de sua comunidade pode ajudar a construir uma identidade positiva e fortalecer a autoestima.

Para que isso ocorra, é crucial que a Lei nº 10.639/03 seja respeitada no ambiente escolar por meio da inclusão de estudos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, juntamente com outras iniciativas que visem a promoção da

igualdade racial. É responsabilidade de toda a comunidade escolar fomentar tais iniciativas, a fim de garantir a formação de educadores capacitados para lidar com espaços sociais que eles ocupam ou ocuparão no futuro. Dessa forma, a luta antirracista não pode ser encarada como uma pauta exclusiva de pessoas negras dentro da escola, pois somente através da formação de indivíduos justos, inclusivos e respeitosos com as diferenças, será possível alcançar uma sociedade mais igualitária e harmônica.

Este trabalho evidencia a importância da minha entrada na universidade para o meu reconhecimento como mulher negra e pesquisadora em formação. As políticas de cotas possibilitaram a abertura de oportunidades para indivíduos que - como eu, a filha da costureira e neta de diarista, uma negra - nunca imaginariam ingressar em uma universidade federal. As cotas representam uma conquista do movimento negro, que lutou para garantir o acesso de milhares de pessoas negras a espaços que foram construídos por nós. É graças a esse movimento que essa pesquisa existe.

As cotas foram de extrema importância para mim, uma vez que sem essa política de ações afirmativas, eu talvez não estaria cursando uma graduação em uma universidade federal. No entanto, minha trajetória não foi fácil, já que após ingressar na universidade por meio das cotas, esperei por três anos até que meus documentos fossem homologados pela UFRGS. Durante esse período, eu me senti desencorajada e questionei se realmente pertencia àquele espaço universitário, uma vez que tive poucas colegas e professores negros em minha turma de pedagogia.

É fundamental refletir sobre o tema das cotas e valorizar os estudantes que ingressam na universidade por meio delas, pois essa política de inclusão abre portas e oferece oportunidades para aqueles que antes eram marginalizados. A lei de cotas é uma importante medida para promover a inclusão social e combater a desigualdade no acesso ao ensino superior no Brasil. Ela representa um avanço significativo na luta por um país mais justo e igualitário, e deve ser valorizada e apoiada por todos aqueles que acreditam na importância da educação como ferramenta de transformação social.

Com essa pesquisa, mostrou-se possível utilizar a literatura infantil negra para combater discursos de ódio, desigualdade e promover o autoconhecimento através da leitura e do diálogo com as crianças. Além disso, a escrita e o diálogo

das crianças também podem gerar resultados positivos na valorização da beleza e no respeito às diferenças. De acordo com Carneira e Russo (2020, pg. 123), a escola tem o potencial de instigar nas crianças e jovens negros uma reflexão acerca de sua identidade corporal, sem que isso os induza a buscar a branquitude como referência, mas, ao contrário, os encoraje a assumir e valorizar sua própria negritude.

Essa pesquisa deixa portas abertas a outras reflexões a partir da literatura infantil como meio de promoção não somente da autoestima de crianças negras, mas também como recurso para o desenvolvimento de uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020

ARAUJO, Kellita do Carmo de; SILVA, Eliane Costa da; PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Dia e noite: discussão intercultural na obra infantojuvenil "Sulwe" de Lupita Nyong'o. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 13, junho 2022. Disponível em: Acesso em: 11 de janeiro de 2023

BISPO, Tainã (org.). **Ninguém solta a mão de ninguém**: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades. Ilustração: Thereza Nardelli. São Paulo: Claraboia Editora, 2019. *E-book*.

CARNEIRO, Carolina Zolin; RUSSO, Maria José de Oliveira. A criança negra e a representatividade racial na escola. **Cadernos de educação**, [s. l.], v. 19, n. 38, 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/10648/7322>. Acesso em: 13 de agosto de 2020

CORRÊA, FRANCILDA CASSIA. **A importância da literatura na educação infantil e a formação de leitores**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19896/3/TCCG%20-%20Pedagogia%20-%20Francilda%20Cassia%20Corr%C3%AAa%20-%202021.pdf>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2023

COSTA, Kyanny Denardi da. **Pertencimento étnico-racial, negritude e literatura**: narrativas e produções de crianças dos anos iniciais. Orientador: Dra. Carla Beatriz Meinerz. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: (<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115808>). Acesso em 04 de dezembro de 2022

EVANGELISTA, Lázaro; Carolina de Freitas Corrêa Siqueira; ROCHA, Cristianne Maria Famer. **Escrevivências, narrativas autobiográficas e intelectualidade negra**: a escrita acadêmica como resistência. *Inter-Ação (UFG. ONLINE)*, v. 46, p. 1330-1344, 2021.

GAMA, F.; RAIMONDI, G. A.; BARROS, N. F. **Apresentação - Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas**. *SEXUALIDAD, SALUD Y SOCIEDAD*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/grqSZc6BRNx5684qttKbKvj/?lang=pt>. Acesso em 04 de dezembro de 2022.

GLOSSÁRIO CEALE: verbete Literatura Infantil/ Lígia Cademortori. Belo Horizonte:

UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:
<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEI 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

LEI nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 15 de outubro de 2022

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2a. ed. Rio de Janeiro: GEN, 2013. v. 1. 112p.

MACÊDO, Jhennefer Alves. **Princesas negras: as adaptações dos contos europeus na literatura infantil com temáticas afro-brasileiras**. Dissertação (Mestre em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18924?locale=pt_BR. Acesso em: 1 de março de 2023.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação literária**, Londrina, v. 8, p. 42-53, dezembro 2011. Disponível em: (<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25625>). Acesso em: 22 de dezembro de 2022

NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2019.

RAIA, Ana Lúcia da Silva. **As meninas negras na literatura infantil sob a perspectiva de olhares plurais: o que dizem esses olhares?** Dissertação (Mestre em Educação Básica) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.ppgeb.cap.uerj.br/wp-content/uploads/2021/02/Ana-Lucia-Raia-Dissertacao-Ana-2021-REVISAO-CONCLUIDA.pdf> Acesso em: 15 de janeiro de 2023

RAMOS, Luciana Dornelles. **Descolonizando práticas pedagógicas: a narrativa de uma educadora na luta pela educação antirracista**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, RS, Brasil. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/220335>
Acesso em: 15 de abril de 2023

REIS, Luciângela Amanda. **Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar**: desfazendo preconceitos e estereótipos. Orientador: Rodrigo Ednilson de Jesus. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação e Relações Étnico-raciais) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: inserir. Acesso em: 15 de agosto de 2022

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Carla Fernanda Leal. 2017. Monografia (Mestrado em Educação infantil e desenvolvimento) - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:
https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53470.pdf
Acesso em: 13 de agosto de 2022

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI -SP editora, 2015.

SANTOS, Veronice Francisca dos; SANCHES, Isabelle. Educação e Saúde: Perspectivas para a Autoestima de Crianças Negras no Processo de Escolarização. **Revista de História da África e Estudos da Diáspora Africana**, [s. l.], ano IV, n. 7, julho 2011. Disponível em: inserir link. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Euzilene Carvalho da; RIBEIRO, Janete Santa Maria. **A importância da literatura na educação infantil**. Paraná, p. 1- 21, 10 mar. 2023. Disponível em:https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20537/1/MD_EDUMTE_II_2014_51.pdf. Acesso em:

SILVA, Mayra Gomes da. **"Profe, você está muito NEGRA hoje"**: Reflexões sobre a prática docente, a partir de uma narrativa autobiográfica. Orientadora: Dra. Aline Lemos Cunha Della Libera. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165913>. Acesso em: 23 de setembro 2022

SILVA, Samia Paula dos Santos *et al.* A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. **FIPE Brasil**, Campina Grande, v. 1, ed. 4, 2015. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2015/TRABALHO_EV050_MD1_SA9_ID487_09102015000936.pdf. Acesso em: 18 de agosto de 2022

SOARES, L. V.; MACHADO, P. S. 'Escrevivências' como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **REVISTA DE PSICOLOGIA POLÍTICA**, v. 17, p. 203-219, 2018.

SOUSA, Carol. **A cor da minha infância**. Orientador: Valentina Nunes da Silva. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/218754/TCC.pdf?sequence=5>. Acesso em: 13 de agosto de 2022

SOUZA, Jocineide *et al.* **Construindo a auto-estima da criança negra**. IFBA. Salvador, outubro de 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37523884/CONSTRUINDO_A_AUTO_ESTIMA_DA_CRIAN%C3%87A_NEGRA. Acesso em: 22 de agosto de 2022

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
WIKIPEDIA. Cinderella (1997 film) [online]. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Cinderella_\(1997_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Cinderella_(1997_film)). Acesso em: 10 de janeiro de 2023